

Funai organiza encontro de pajés, com direito a crachá e seguranças

MARCELO XAVIER DE MENDONÇA

Enviado especial à Chapada dos Guimarães

Um sítio perto da cidade, com talvez os últimos defensores da cultura "hippie", música andina ao fundo e papos de astrologia e naturalismo, além da presença de um indiano legítimo. Poderia ser a descrição do clima em que são preparados festivais de música ao ar livre, isso se não fosse a presença (também) insólita de mais de cem pajés e caciques das tribos de índios de todo o Brasil.

Morrinho —o sítio— fica em Chapada dos Guimarães, pequena cidade a 75 km de Cuiabá (MT), famosa por suas cascatas e formações rochosas. Residência de uma comunidade alternativa, foi o lugar escolhido pela Funai (Fundação Nacional do Índio) para promover o 1º Encontro Nacional de Pajés, com direito a crachás, comitê organizador e até seguranças.

"Medicina tradicional"

A idéia do encontro, segundo os organizadores, era "resgatar a medicina tradicional das comunidades indígenas, através do restabelecimento da imagem e função dos pajés". No Ministério da Previdência e Assistência Social, foi criado um Núcleo de Medicina Alternativa, que se encarregaria, junto com a Funai, de "sistematizar o conhecimento dos pajés", segundo um dos coordenadores do encontro, Joan Roura.

A idéia dos pajés, entretanto, parece que não segue muito o roteiro escrito pelo "homem branco", a começar pela definição de quem é "pajé". Sapaim, que ficou famoso pela pajelança feita para tentar salvar o cientista capixaba Augusto Ruschi ("Cacique Sapaim, Famoso Pajé", são dizeres em sua camiseta, para não deixar dúvidas), garante que "Pajé aqui é só eu e o meu irmão. O resto é tudo raizeiro", acrescentando que "pajé não mostra segredo para o branco".

Pajés ou não, outros índios também falavam que trouxeram ervas, raízes e outros tipos de plantas para mostrar aos pesquisadores no encontro, mas "os secretos mesmo não vieram". Ao todo, os pesquisadores relacionaram quase cinquenta qualidades de plantas, que foram apresentadas pelos pajés, que reconheciam que o melhor fruto do evento era o



contato com colegas de regiões distantes, que quase nunca se encontram.

Para quem poderia imaginar um clima mágico, com rituais cabalísticos todo o tempo, a aculturação se encarregaria de desfazer a ilusão: nas seis ocas —tendas de troncos e palha— erguidas no sítio, as redes eram amarradas com cordas de nylon; óculos escuros e camisetas com frases em inglês ou propaganda política da última eleição eram trajés comuns; e o olhar sombrio e frases em tom duro que às vezes se ouvia eram dirigidos à Funai, para reclamar do dinheiro reservado aos índios para as despesas de viagem.

Documento

Na noite de sábado, o que era para ser um ato de colaboração dos índios com entidades governamentais acabou gerando mais um ponto de atrito e contestação. Os pajés redigiram um documento para ser levado ao presidente José Sarney, protestando

contra um decreto, assinado no mês passado, que limitaria a demarcação das terras indígenas, e onde as tribos seriam chamadas de "colônias". "Índio não é colono, índio já estava aqui quando os portugueses chegaram", reclamaram os pajés pela voz de Makuara, um índio de 23 anos que já trabalhou no cinema ("Avate", de Velito Viana; "Quilombo", de Cacá Diegues; "Floresta de Esmeraldas", de John Boorman) e na televisão (série "Armação Ilimitada", da TV-Globo).

Também não deve ter sido agradável para o presidente da Funai, Romero Jucá Filho, ouvir o discurso do cacique txucarramãe Raoni, na visita que o funcionário fez ao encontro, acompanhado da noiva e de amigas em trajés mais apropriados para um baile de gala. Como toda liderança indígena, Raoni não perdeu a oportunidade para reclamar dos "invasores da terra do índio", azedando a festa de Jucá.